2017

BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Março - 2017

1 - Cenário Internacional

Passado um pouco mais de um mês do governo de Donald Trump, a expectativa acerca da nova política fiscal a ser implementada é grande. Tal política tende a impactar a renda, elevando assim o consumo, o que gera inflação. Por sua vez, a fim de suprir o crescimento da demanda os empresários ampliarão sua produção que consequentemente gera aumento de custos e estes serão direcionados ao consumidor final, pressionando ainda mais os preços. Assim, é notório que a pretensão do presidente norte-americano propiciará um ambiente de expansão da demanda doméstica, facilitando o repasse dos custos aos consumidores, gerando inflação.

Com intuito de mitigar o provável efeito inflacionário, o Federal Reserve vem sinalizando uma possível elevação taxa de juros norte-americana, após congelar os juros perto de zero um longo período de tempo. Este ciclo vem causar abalos nas economias globais, visto que o mercado acredita que boa parte do dinheiro investido no mundo pode migrar para os EUA, fazendo com que países considerados menos seguros (com maior risco de calote) fiquem mais vulneráveis. A precificação de analistas, em curto prazo, é que haja elevação da taxa em 0,25 pontos, firmando uma faixa entre 0,75 e 1,0 pontos percentual e que chegue em torno de 3% a.a. nos próximos dois anos.

Quanto aos dados da economia americana pode-se observar que o mercado de trabalho dos EUA apresentou dissonância em comparação aos últimos resultados. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA a quantidade de pessoas que solicitaram seguro desemprego elevou-se além do esperado na semana terminada em 09 de março. Este número desapontou analistas que previam 235 mil petições sendo realizados 243 mil pedidos. Por outro lado, o PMI industrial norte-americano referente ao mês de fevereiro obteve 57,7 pontos ante a estimativa de 56 pontos. Tal resultado prova a força da indústria norte-americana e reforça o otimismo no país.

Na Europa a expectativa continua em torno do plano Brexit. Para que haja ativação do artigo 50 do Tratado de Lisboa (notificação da saída) a proposta deve ser aprovada pelo Parlamento britânico. O projeto de lei foi aprovado, apoiando assim a decisão do plebiscito ocorrido em junho de 2016. Agora a espera está na aprovação a ser feita pela rainha para que as negociações com a União Europeia possam prosseguir.

Além da questão mencionada acima, outro fator que vem causando desassossego no ambiente europeu é a possível ascensão da extrema-direita na França, tendo como representante Marine Le Pen. A líder da Frente Nacional mostrou-se, abertamente, ser contrária a permanência de seu país na UE. Tal posicionamento provocou receio aos investidores, haja vista que a França é um

país pertencente à Zona do Euro e uma possível ruptura pode colocar em xeque a continuidade da moeda, bem como a sobrevivência do Bloco Europeu.

No que tange aos dados macroeconômicos da China, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial apresentou uma elevação em fevereiro quanto ao seu PMI, registrando 51,6 pontos no mês observado ante 51,3 em janeiro. Este tímido, porém importante crescimento surpreendeu o mercado que aguardava uma redução do valor. Tal resultado mostra que o setor industrial chinês segue robusto, visto que é a sétima vez consecutiva que tal índice fica acima de 50 pontos, ou seja, dentro da zona expansão da atividade industrial.

Em última instância, o cenário inflacionário brasileiro para o ano de 2017 segue com tom otimista. No mês de fevereiro o indicador de inflação oficial (IPCA) ficou abaixo das expectativas do mercado, registrando 0,33%, contra 0,38% em janeiro, o esperado era que a taxa apresentasse 0,45%. Este é o resultado mais baixo para o mês desde o ano 2000. O acumulado em 12 meses ficou muito próximo ao centro da meta oficial de 4,5%, pois avançou 4,76% no período em questão. Segundo o Boletim Focus realizado pelo Banco Central houve redução da expectativa de inflação para o fechamento do ano, de 4,36% para 4,19%.

A evidência de que a inflação ao consumidor está despencando e caminhando para abaixo do centro da meta reforça a expectativa de cortes mais agressivos da taxa de juros Selic. Após ocorrer corte de 0,75 pontos, na última reunião do COPOM levando a taxa a 12,25% a.a., analistas de mercado acreditam que tal índice fechará o ano cotado em 9% a.a.

Dessa forma, apesar da preocupação do possível aumento da taxa de juros norte-americana e seus possíveis impactos, a economia brasileira tende a ser mais influenciada via indicadores internos. Sendo assim, apesar do notório processo de desaceleração inflacionário apresentado, a previsão de recuperação da atividade brasileira ainda se apresenta débil, visto que a última projeção do PIB para o final de 2017, estimada pelo Banco Central apresentou crescimento de apenas 0,4%. Logo, pode-se constatar que a redução da inflação continua atrelada, sobretudo, ao fraco desempenho da atividade doméstica.

2 -Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de fevereiro de 2017 um valor mínimo de US$ 55,05, máximo de US$ 56,81 e média de US$ 56,01 representando um acréscimo de 1,01% em relação ao mês de janeiro. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US$ 55 para 2017 e US$ 57 para 2018, mantida a perspectiva do relatório anterior.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto tiveram alta de 4,95 milhões de barris na semana encerrada em 15 de março. Tal crescimento foi acima do previsto por analistas, que projetavam aumento de 2,1 milhões de barris.

Contudo, há expectativa de aumento do preço devido ao anúncio de corte de produção da OPEP, aderido também por países não pertencentes a este grupo, tal como a Rússia. A melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio.

O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro, atingiu a média mínima mensal de US$ 31,93, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora.

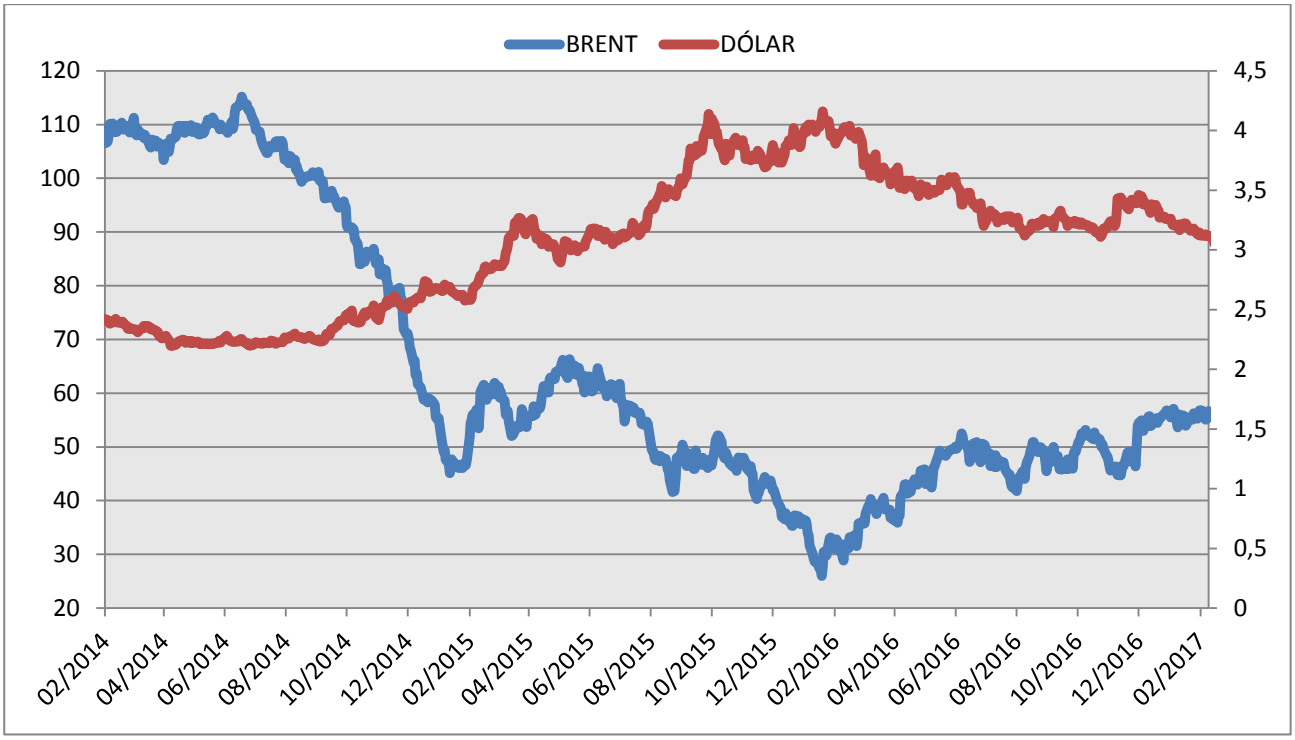
Gráfico 1: Preço do Brent

Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre fevereiro de 2014 e fevereiro de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte. Segundo o Boletim Focus, de 10 de março de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R$ 3,30. Em relação há quatro semanas à expectativa era de R$ 3,36.

A propensão de valorização da moeda norte-americana pode ser associada a fatores externos, tais como a previsão de alta dos juros nos EUA e a desaceleração da China, a partir do segundo semestre deste ano, contudo a saúde do cenário doméstico tende a ser mais influente neste movimento cambial. A proposta da reforma fiscal é tida pelo mercado como essencial para a retomada do crescimento do país e caso ela tenha êxito a tendência é de que o Real aprecie frente ao Dólar. Por este motivo, apesar do Banco Central apontar apreciação do Dólar ante ao Real para o final de 2017, a "força" desta estimação encontra-se em decréscimo.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

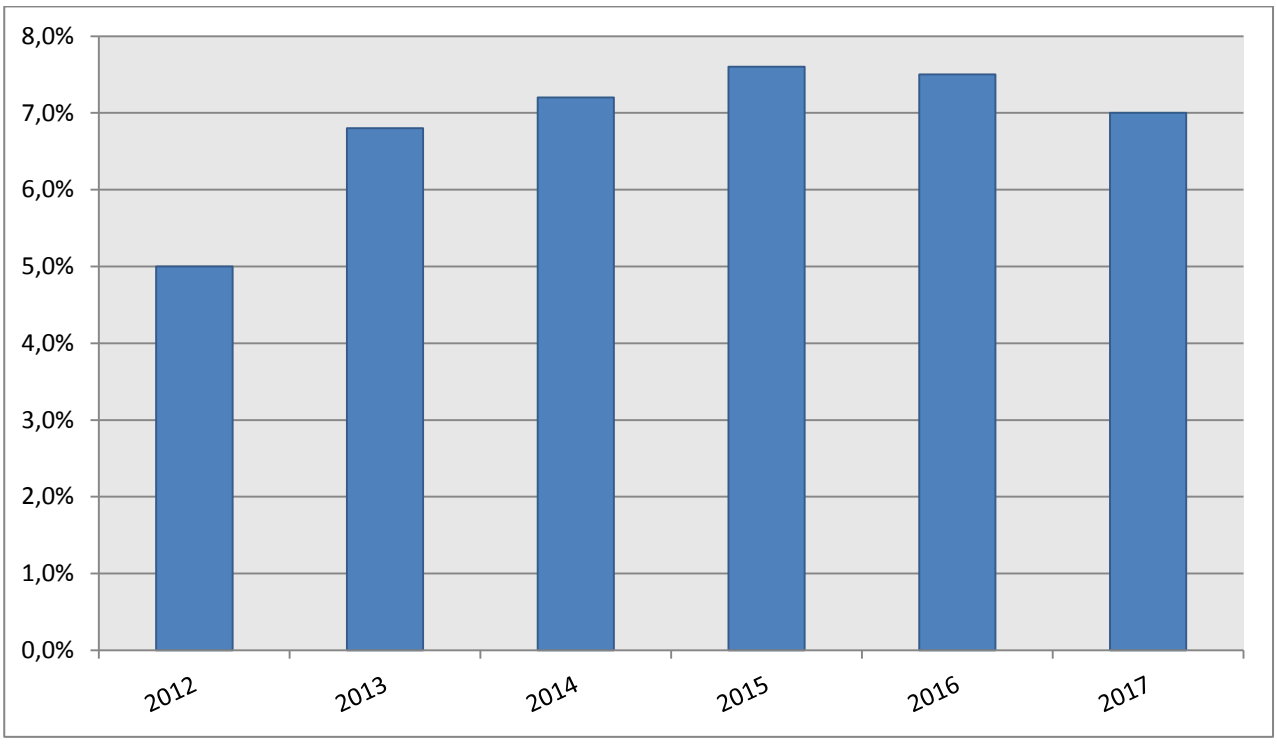
3 - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,26 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento de demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,51 (mb/d) ante ao ano anterior. Ou seja, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois cerca da metade desse crescimento será consumido pela Índia e China.

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme demostrado no gráfico 3, o crescimento do país vem demostrando um viés de alta na faixa de 7,0% a.a., mantendo esta tendência para 2017.

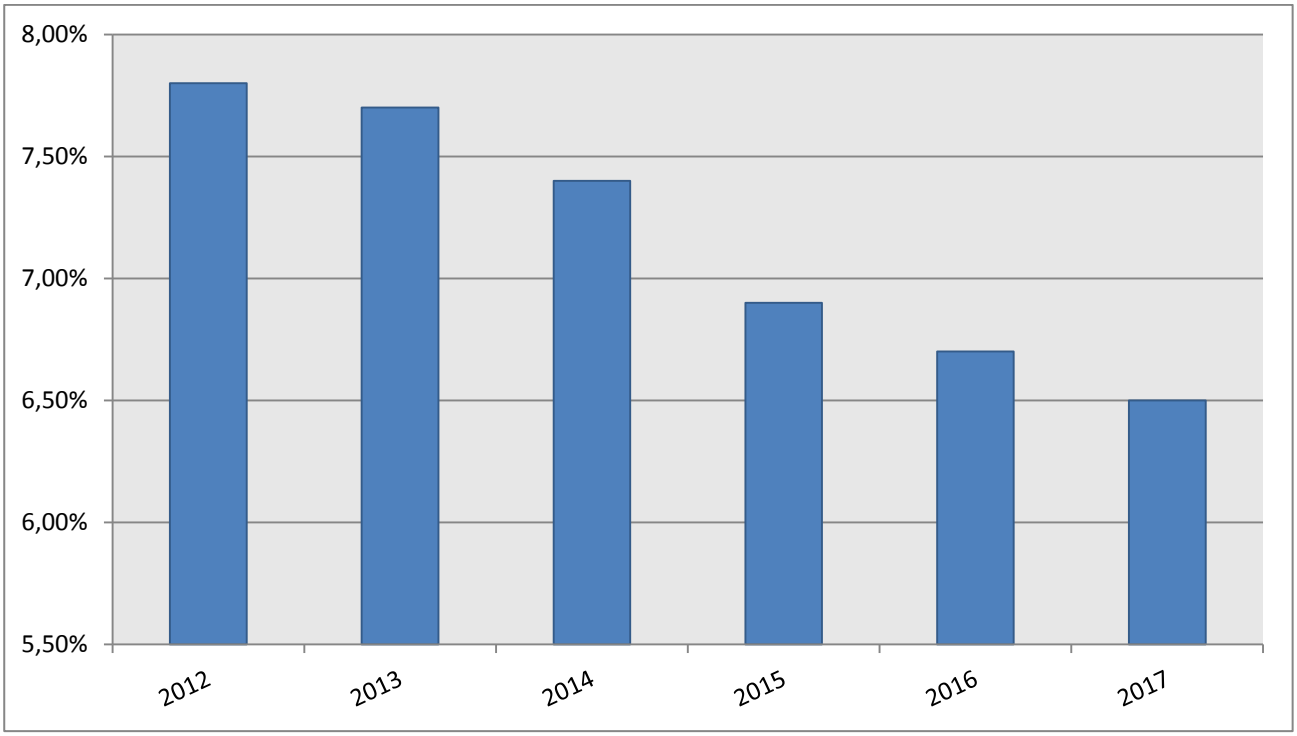
Gráfico 3: PIB - Índia



Fonte: Broadcast

A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora e maior detentora de reservas mundiais no mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 4, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

Gráfico 4: PIB - China



Fonte: Broadcast

4 – Oferta

4.1- Países não Integrantes da OPEP

Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um incremento na produção de 0,4 mb/d ao fim deste ano, demonstrando aumento de 0,16 em relação ao último relatório. Esta revisão para cima deve-se a perspectiva de alta na produção dos EUA, cuja previsão para o fechamento de 2017 foi revista para 0,34 mb/d partindo de 0,10 mb/d., em vista de maiores contagens de plataformas em atividade no país.

Já para a EIA o aumento está estimado em 0,53 mb/d em relação a 2016. Assim como a OPEP, os EUA é visto como o principal responsável por tal avanço. Dessa forma, ambas as agências preveem que haverá crescimento da oferta para 2017, ressaltando que a crescente produção da *commodity* por parte dos EUA pode vir a interferir nos preços.

4.2- Países Integrantes da OPEP

Segundo a OPEP, os países integrantes do seu bloco reduziram sua oferta no mês de fevereiro em 0,14 mb/d frente ao mês anterior. Os maiores declínios podem ser observados na produção da Arábia Saudita e do Iraque, que apontaram decréscimo de 0,07 mb/d e 0,06 mb/d, respectivamente. Para o fechamento do ano estima-se uma produção média de 32,02 mb/d, tendo um recuo de 0,45 mb/d em relação a 2016. Este movimento está em conformidade com o acordo de corte de produção, aderido por tais países.

A EIA tem uma visão divergente da OPEP, pois para ela a produção total do bloco de 2017 terá um aumento de 0,53 mb/d. Sendo assim, é possível afirmar que as projeções da agência norte-americana tem um viés mais pessimista, com perspectiva de aumento global da oferta. Nos estudos da OPEP, observa-se uma visão mais otimista com o acordo de corte de produção do bloco, compensando o aumento de oferta por parte dos EUA.

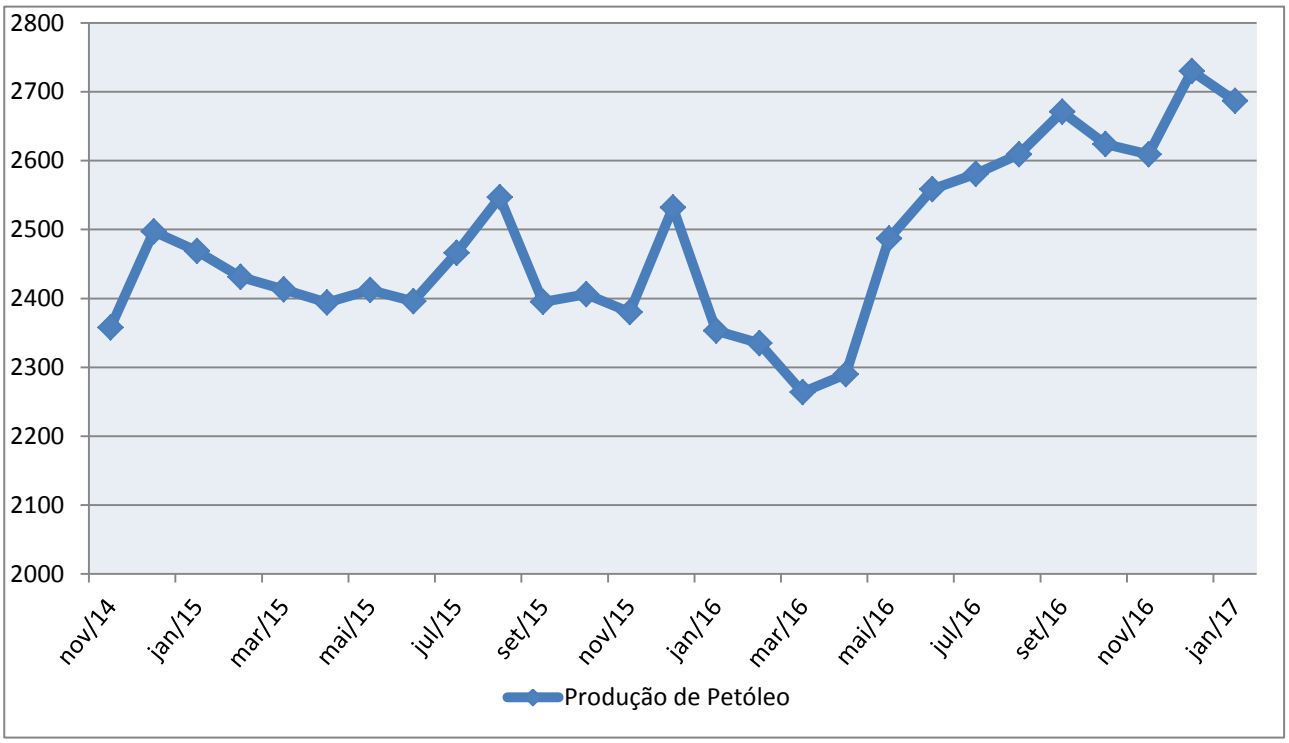
5 – Brasil

5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país ocorreu em 8.521 poços, sendo 746 marítimos e 7.775 terrestres. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produzem cerca de 94,9% de petróleo do país.

Segundo a ANP a produção referente ao mês de janeiro registrou 2.687 Mbbl/d (mil barris por dia), configurando uma redução de 1,6% em relação ao mês de dezembro, que havia marcado recorde de produção. Apesar do decréscimo, este número caracteriza o segundo maior resultado nacional já obtido. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico abaixo.

Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

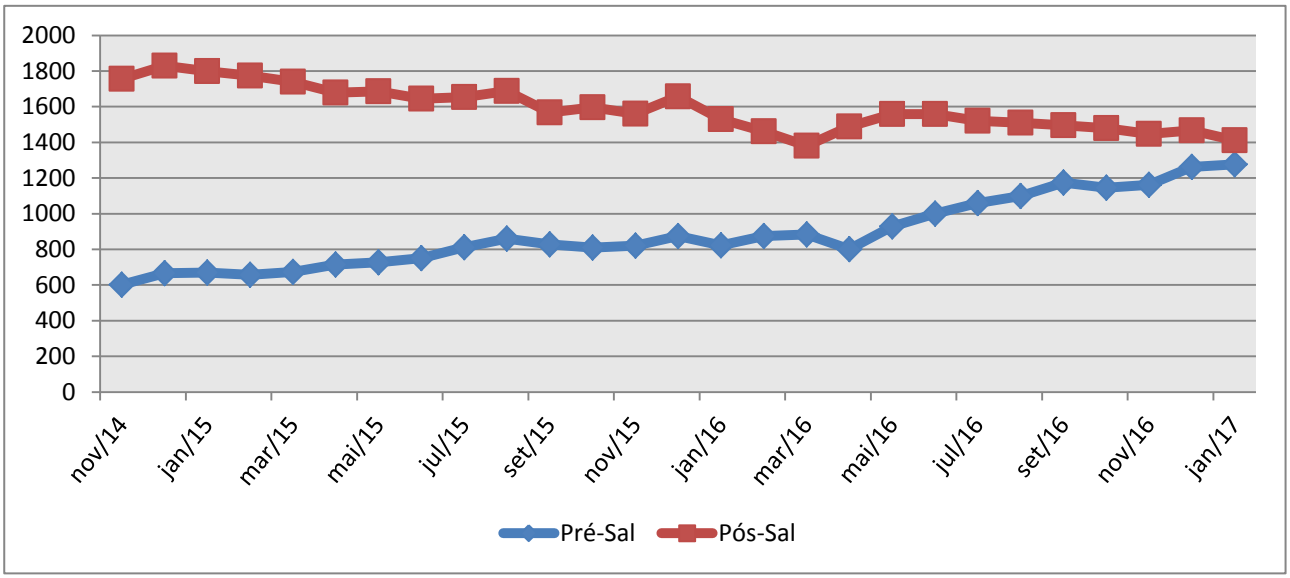
5.2- Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de janeiro o pré-sal, registrou uma produção de 1.276,2 mil barris de petróleo ao dia (Mbbl/d). Tal produção é oriunda de 73 poços, o que representa 47% do total produzido no Brasil. Em comparação a dezembro de 2016 houve um aumento produtivo de 1,1%, configurando-se em um novo recorde de produção do pré-sal.

O pós-sal registrou no mês em análise 1.410,8 Mbbl/d, o que equivale a 53% da produção nacional. Apesar deste leve domínio percentual sobre o pré-sal, sua produção obteve um decréscimo de 3,9% em relação ao mês anterior, fato este que acarretou na queda da produção total, visto no item 5.1.

Assim, conforme verificado no gráfico abaixo a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta leve viés de queda enquanto a do pré-sal segue em ascendência. Estima-se que a produção originária do pré-sal ultrapassará a do pós-sal, mesmo este tendo um número maior de poços explorados.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



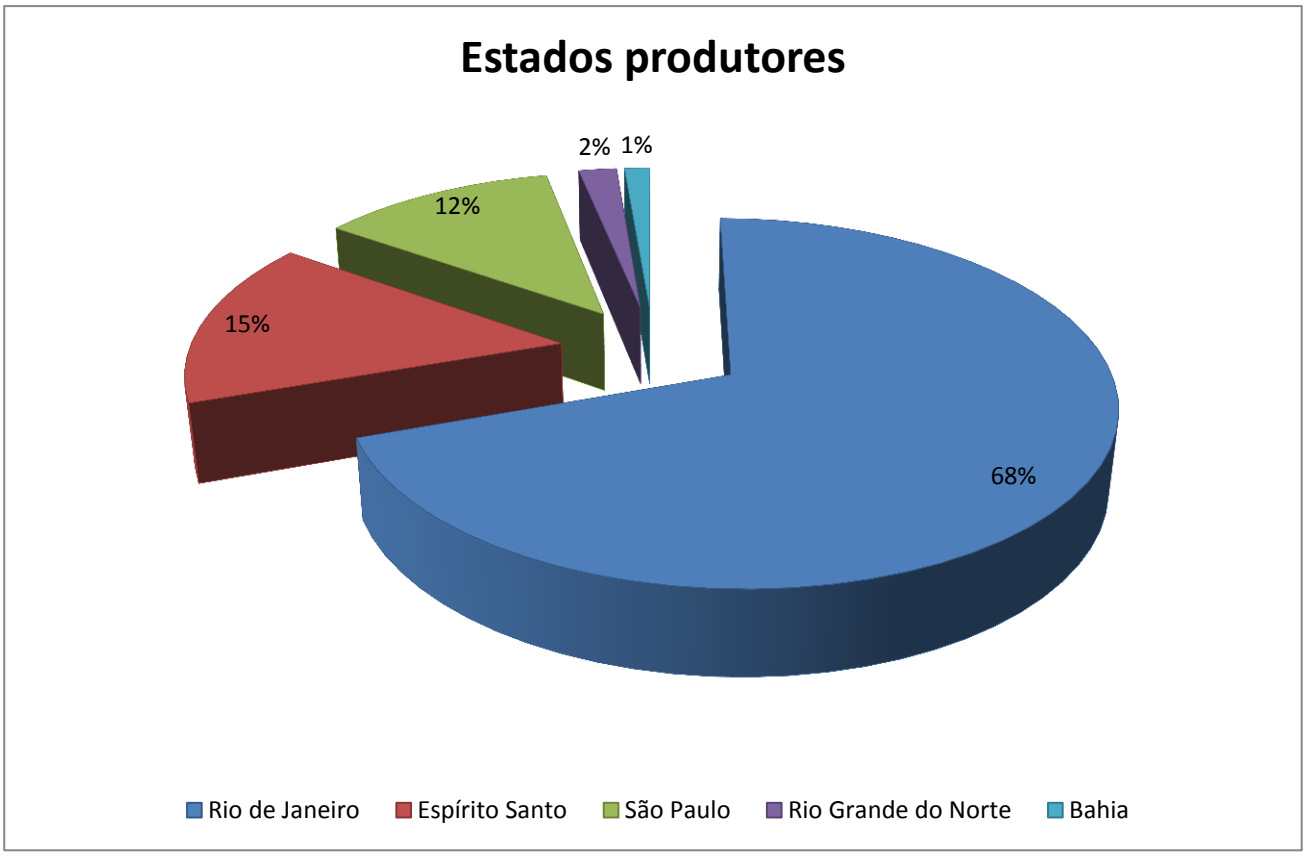
Fonte: GOP

5.3- Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, dentre os quais se destacam o Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Bahia.

De acordo com a ANP, o Rio de Janeiro possui maior notoriedade, pois ele, somente, é responsável por 68% da produção nacional. Assim, faz-se perceptível a importância do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representam juntos apenas 44% da produção fluminense. Tal afirmação pode ser observada no gráfico 5.

Gráfico 5: Estados produtores



Fonte: GOP

Vale ressaltar ainda, que o Estado de São Paulo é detentor de penas seis (6) poços em atividade, mas que apresentam elevado grau produtivo conduzindo assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil.

Ambas as observações podem ser verificadas na tabela a seguir.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

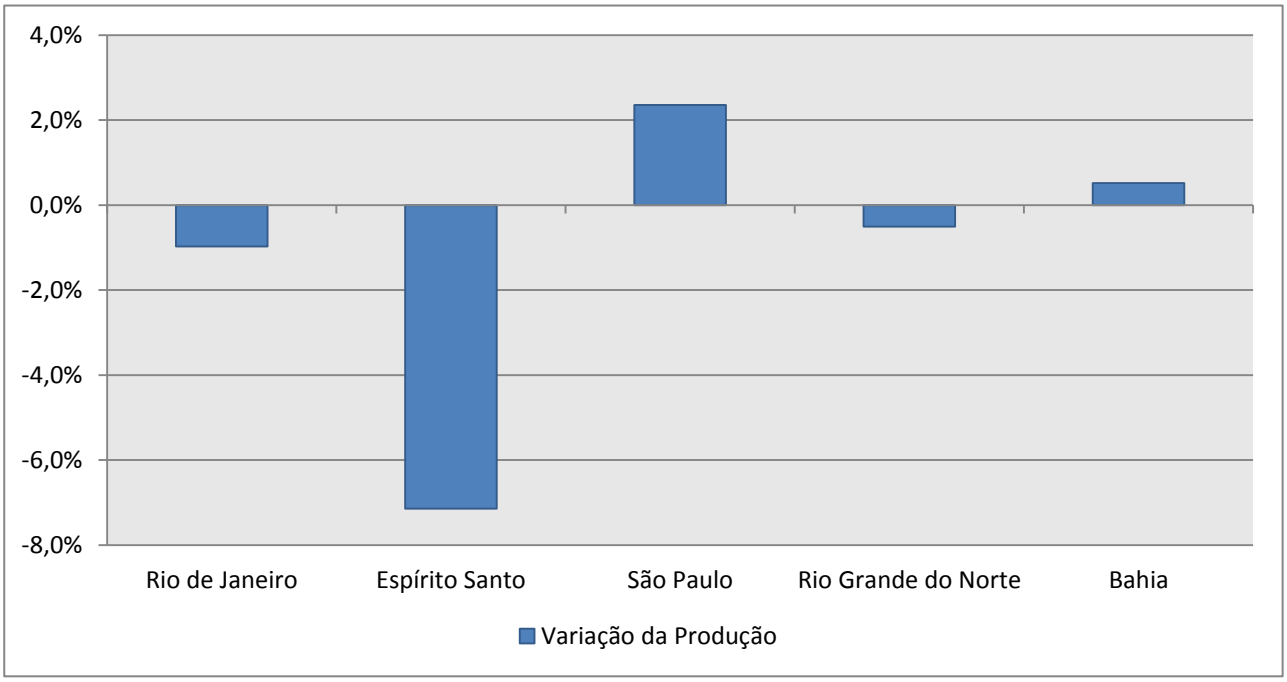
ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.831.108	43
Espírito Santo	397.881	47
São Paulo	315.910	6
Rio Grande do Norte	51.016	76
Bahia	34.263	75

Fonte: ANP

Em relação à produção, referente ao mês de janeiro dos estados mencionados, pode-se verificar que houve decréscimo ante dezembro de 2016, com exceção de São Paulo, que registrou um discreto avanço de 2,4%. O Estado do Espírito Santo apresentou um recuo de produção de 7,1%

em comparação ao mês anterior. Esta baixa foi a principal responsável pela redução da produção total do mês verificado.

Gráfico 6: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP

5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo está situada em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais sobrepujam-se: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - PR / SC / SP / RJ; Bacia Potiguar - PB / CE / RN; Bacia do Recôncavo - BA e Bacia do Espírito Santo - ES.

A Bacia de Campos e a Bacia de Santos representam a fonte de 93,5% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas bacias. Tal afirmação pode ser observada na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO/JAN	LOCALIZAÇÃO
Campos	47	1.493.933	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	10	1.057.577	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	78	52.668	Rio Grande do Norte
Recôncavo	72	34.725	Bahia
Espírito Santo	39	33.772	Espírito Santo/Bahia

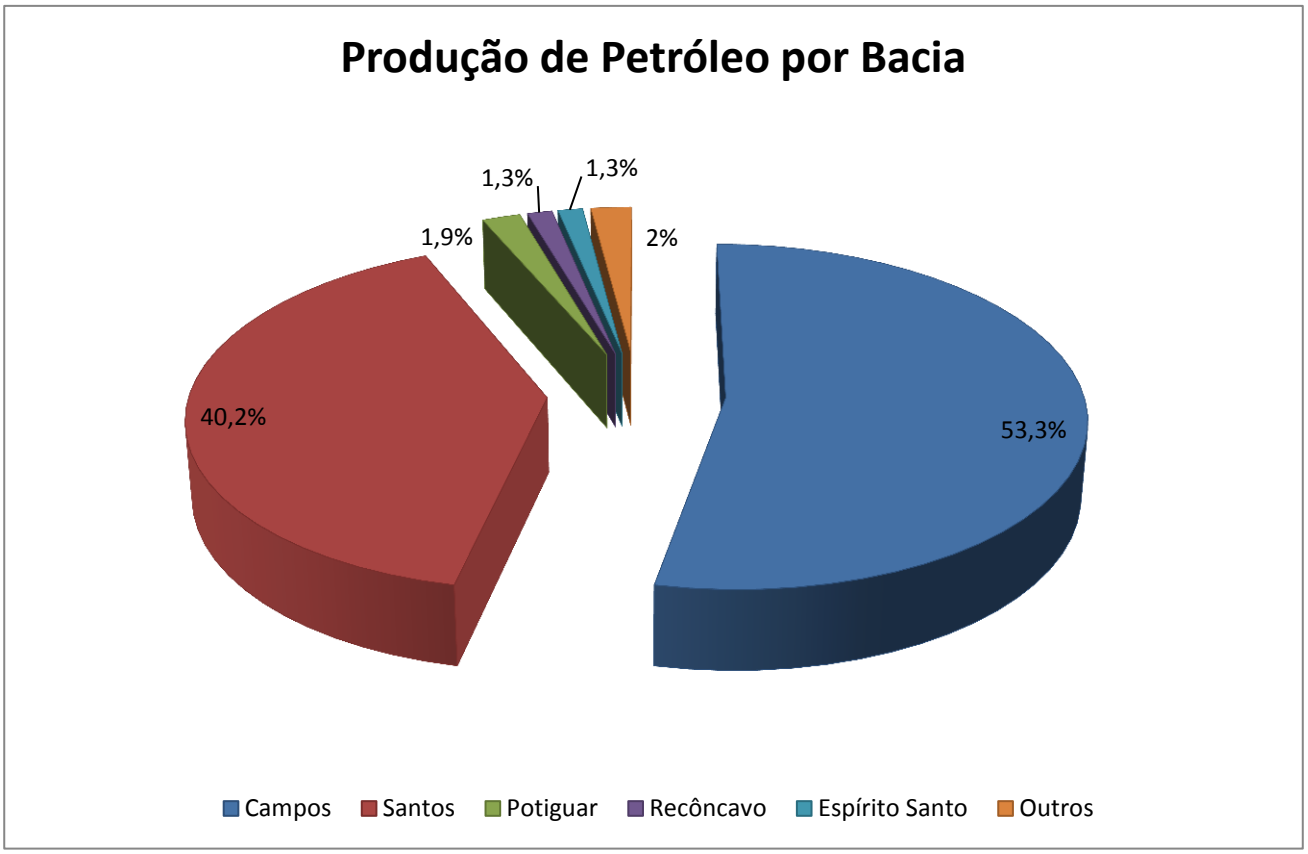
Fonte: ANP

No mês observado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.687 Mbbl/d (mil barris por dia) ao qual foi constatado um decréscimo frente a dezembro. Tal recuo está associado ao declínio de produção de duas Bacias (Campos e Espírito Santo que obtiveram redução de 4,2% e 2,8%, respectivamente).

A ênfase na queda da produção total pode ser atribuída a Bacia de Campos, visto que esta detém 53,3% da fatia da produção nacional, ou seja, qualquer variação em seu grau produtivo é causante de intensos impactos no resultado total.

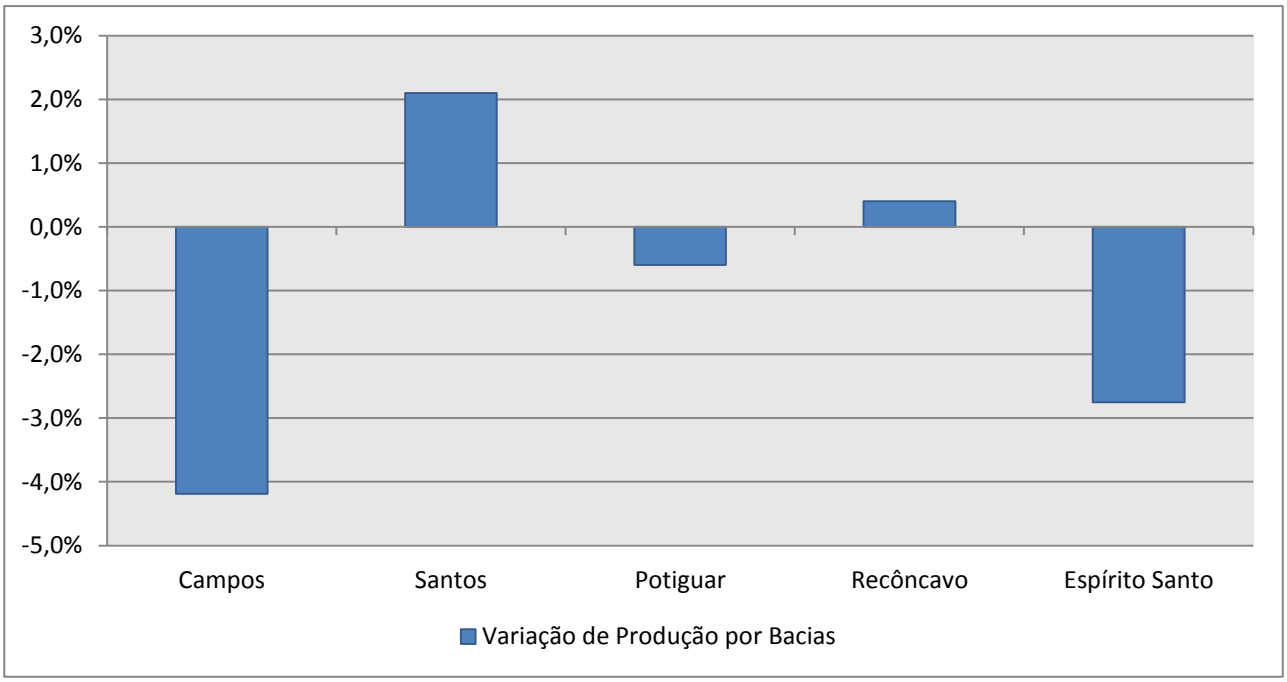
Tais constatações podem ser vistas nos gráfico 6 e 7, respectivamente.

Gráfico 6: Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: GOP

Gráfico 7: Variação de produção das principais Bacias



Fonte: GOP

5.5- Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Jubarte, Marlim e Marlim Leste. Estes juntos detém cerca de 53% da produção de petróleo operada no Brasil e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos. Tal afirmação pode ser observada na tabela 3.

Campo	Produção/Jan	LOCALIZAÇÃO
Lula	729.511	Santos
Sapinhoá	249.609	Santos
Jubarte	205.798	Campos
Marlim	171.167	Campos
Marlim Leste	74.412	Campos

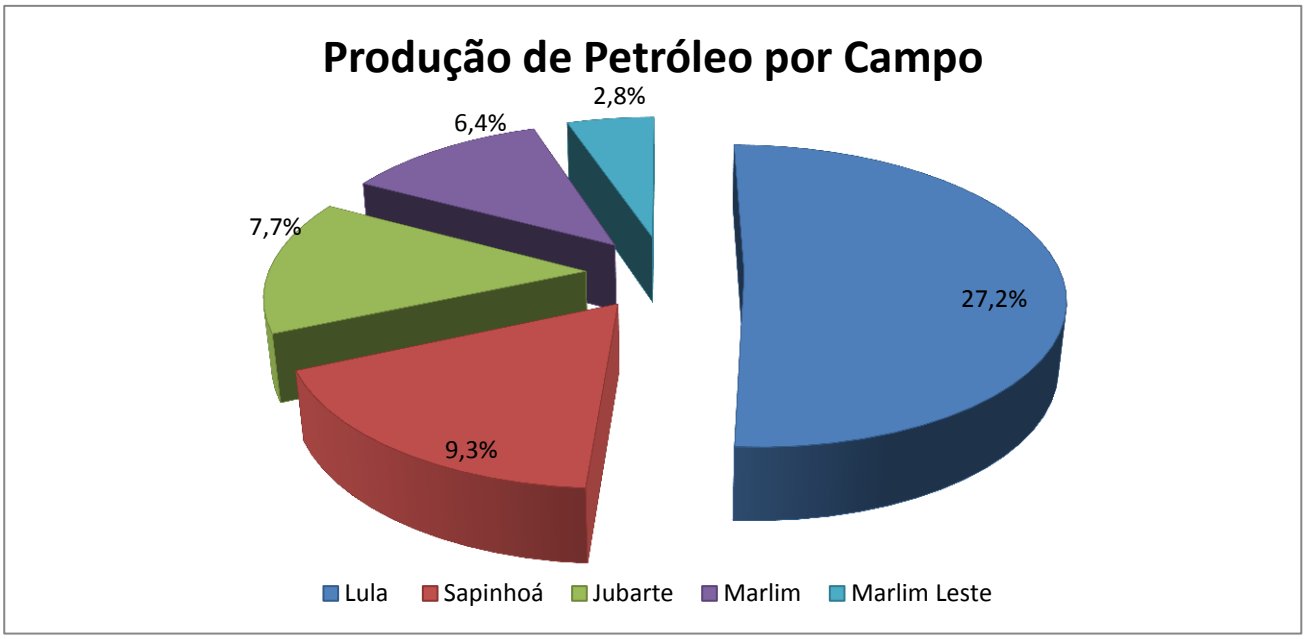
Fonte: ANP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados, pois este, somente, representa cerca de 27% do resultado nacional. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão auferiu novo recorde: média de 729,5 Mbbl/d, superando a produção realizada pelo próprio campo em dezembro de 2016, que registrou 710,9 Mbbl/d. Dessa forma, pode-se observar que a elevação da produção da Bacia de Santos, visto no item 5.4, deu-se pelo aumento de produção deste campo.

Contudo, como já mencionado, a produção total, na comparação do mês de janeiro ante dezembro, recuou e este fato foi motivado pela queda de produção da Bacia de Campos, cuja redução está atrelada ao decréscimo produtivo do campo Jubarte que registrou contração de 10,6% no mês em análise.

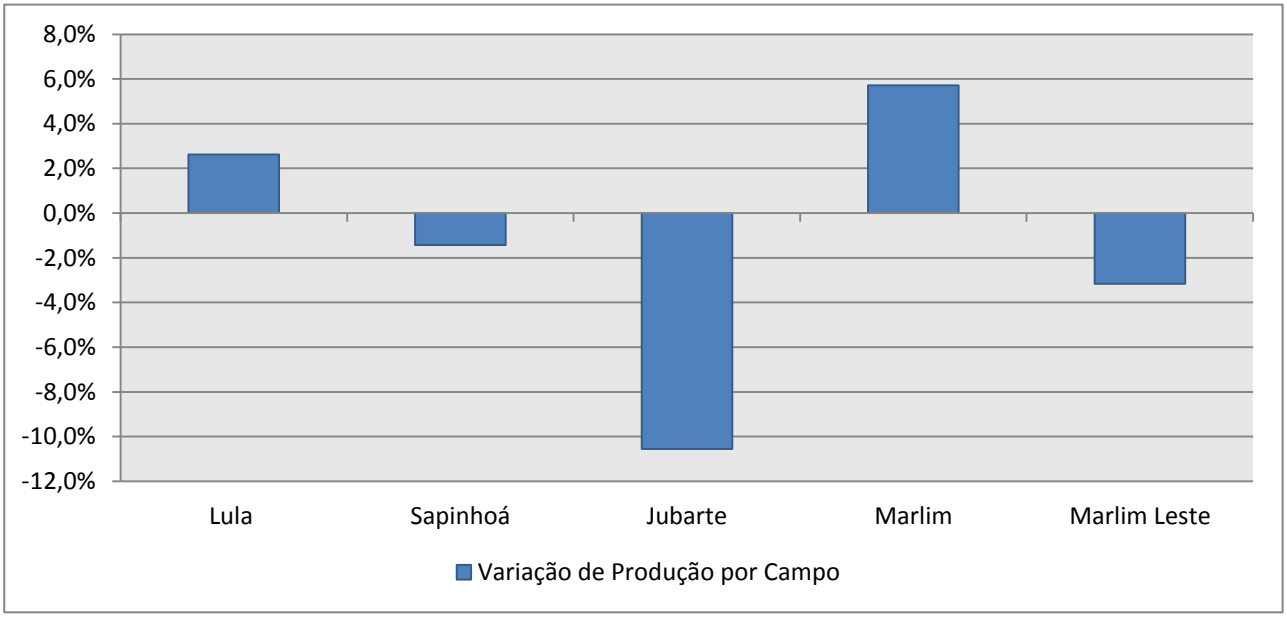
Tais ratificações podem ser vistas, respectivamente, nos gráfico 8 e 9.

Gráfico 8: Produção de Petróleo por Campo



Fonte: GOP

Gráfico 9: Variação de produção dos principais Campos



Fonte: GOP